

74

A VIDA E A OBRA
DE AGOSTINHO NETO

Roberto de Almeida

LUCIO LARA

A VIDA E A OBRA DE AGOSTINHO NETO

**ROBERTO DE ALMEIDA
SECRETÁRIO DO COMITÉ CENTRAL
DO MPLA-PT PARA A ESFERA IDEOLÓGICA**

*Conferência pronunciada na Universidade de
São Paulo, Brasil, Novembro de 1987*

1. INTRODUÇÃO

Desde que no ano de 1482, o navegador português Diogo Cão aportou à costa angolana, esse território passou a ficar submetido à dominação colonial portuguesa, embora perturbada pelas constantes revoltas dos naturais e pela cobiça de outras potências européias.

Com efeito, várias guerras marcaram as tentativas de "pacificação" dos povos do território pelas forças portuguesas aliadas à religião cristã, sobressaindo nelas os nomes da Rainha Ginga, Bula Matadi, Ngola Mbandi, Mutu Ya Kavela, Ekuikui, Mandume e outros que foram os percussores do combate pela libertação de Angola do jugo estrangeiro.

Ao mesmo tempo, uma acesa disputa se travava entre o poder aristocrático de metrópoles como Portugal, a Holanda, a Inglaterra, a França e outros, pela conquista das terras de África onde, para além do ouro e das especiarias, esses países buscavam através do tráfico de escravos assegurar a mão-de-obra indispensável para edificar as capitais imperiais e o trabalho nas plantações cujos produtos constituíam matéria-prima para a florescente indústria européia.

Essa dominação que jamais se impôs e consolidou por completo, viria no entanto a marcar profundamente toda a história futura do território, das suas gentes, da sua cultura, da sua vida política, econômica e social. O colonialismo português, durante mais de quatro séculos iria determinar uma exploração desenfreada sobre o povo angolano, espoliando-o dos seus recursos naturais, privando-o dos seus direitos mais elementares, negando mesmo até a sua vivência e identidade próprias.

A resistência do povo angolano não é assim mais do que a seqüência lógica da dominação que lhe foi imposta. No en-

tanto, ao longo da epopéia desta resistência, houve que fazer uma aprendizagem — a da unidade. Todas as revoltas do povo angolano fracassaram até que foi possível construir a unidade na luta, relegando para plano secundário as diferenças que podiam constituir obstáculo para a vitória. Contudo esta aprendizagem não foi fácil porque era objetivo do colonialismo aprofundar exactamente essas diferenças, de acordo com o seu lema essencial — “dividir para reinar”.

Assim a luta de resistência do povo angolano foi marcada por vitórias e revezes, avanços e recuos, até à data gloriosa de 10 de Dezembro de 1975 quando, aprendida a lição, os patriotas angolanos fundaram, na clandestinidade, uma organização política para conduzir a sua luta pela independência. Nascia então o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), constituído numa frente em que podiam participar todos os nacionalistas sinceramente desejosos de contribuir por qualquer meio para a luta pela conquista da independência nacional, independentemente da sua raça, credo, tribo, condição económica ou tendência política, de acordo com a divisa *“organizar para lutar, lutar para organizar”*.

No início dos anos 60, a libertação dos povos africanos ganha um novo impulso e vem introduzir alterações significativas no cenário político mundial. Angola, a jóia mais preciosa do Império Colonial Português não escapou aos ventos da Liberdade que sopravam impetuosos por todo o Continente Africano.

Até que na data gloriosa de 4 de Fevereiro de 1961, baldados todos os apelos a negociações, um punhado de heróis determinados a “vencer ou morrer” se levanta contra o poder fascista, poucos dias após o desvio do paquete “Santa Maria”, pelo capitão Henrique Galvão.

De Fevereiro de 1961 ao dia da proclamação da independência em 11 de Novembro de 1975 sucedeu-se um gesta plena de sacrifício e heroísmo, dura repressão, prisões, arbitrariedades, no quadro de uma luta encarniçada, sem tréguas, para levar de vencida o monstro do colonialismo.

Nessa luta heróica, pelo papel relevante e decisivo que desempenha como condutor de homens, chefe firme e inabalável e inspirador de novas acções, uma figura se impõe: a do Dr. ANTÔNIO AGOSTINHO NETO, pai da Pátria Angolana, fundador da Nação e do MPLA—Partido do Trabalho.

2. QUEM FOI AGOSTINHO NETO

Retratar a vida de um homem da estatura de AGOSTINHO NETO é tarefa assaz difícil porque nela se consubstanciam várias facetas que constituem um todo único, onde se confundem o estudante revolucionário, o poeta de uma sensibilidade extrema, o médico dotado de sentido humanista sem igual, o guerrilheiro convicto da sua estratégia, o estadista cónscio na acção prática, o teórico político profundamente conhecedor, enfim, uma personalidade rica, plena de fibra revolucionária e determinação.

Quem foi então este homem tão diverso e ao mesmo tempo tão uno?

ANTÔNIO AGOSTINHO NETO nasceu a 17 de Setembro de 1922, na aldeia de Caxicane situada a cerca de 50kms de Luanda, na região de Catete. Seu pai, Agostinho Pedro Neto, era pastor e professor da igreja protestante e sua mãe, Maria da Silva Neto, era igualmente professora.

A região de Catete era bastante pobre e a população, na sua maioria, dedicava-se a uma agricultura de subsistência, cultivando sobretudo a mandioca, o milho, o feijão e a batata doce. No entanto, por volta dos anos vinte, o Governo Colonial impõe na região a cultura do algodão, que vem agravar a situação do povo pelo trabalho forçado sobre o qual assentava e pela arbitrariedade exercida pelos comerciantes portugueses relativamente aos preços que praticavam.

AGOSTINHO NETO viveu em Caxicane até aos oito anos tendo aí iniciado a instrução primária sendo professor o seu próprio pai. Aí também teve os seus primeiros contactos

com a realidade portuguesa e com a situação de exploração a que as populações viviam submetidas, o que certamente constituiu factor de peso na sua formação intelectual e política.

Em 1930, o pai de Agostinho Neto é transferido para Luanda onde o jovem estudante prossegue a sua carreira, ingressando mais tarde no Liceu. Aluno brilhante e estudioso exemplar, Agostinho Neto teve no entanto que interromper por alguns anos os seus estudos, devido a falta de recursos económicos que seu pai experimentava, chegando a dar aulas para suprir tão delicada situação. Ao mesmo tempo, começa a dar colaboração no Jornal "O ESTANDARTE", órgão dos cristãos evangélicos e num outro órgão de intelectuais angolanos denominado "O FAROLIM". Escreveu também artigos para "O ESTUDANTE", órgão dos estudantes do Liceu de Luanda, de que chegou a ser mais tarde redactor.

Quando frequentava o 6º ano do Liceu, AGOSTINHO NETO ganhou um concurso de poesia organizado pelo Jornal manuscrito "O JACARÉ" de que era director e redactor o seu colega ANTÓNIO JACINTO. O prémio foi um bilhete de cinema para a 6ª feira seguinte (às 6ªs feiras os bilhetes eram mais baratos, custavam 6 escudos e 50 centavos) no Cinema Colonial. Naquele tempo existiam apenas dois cinemas em Luanda: o "Nacional" na parte baixa da cidade e exclusivamente reservado aos europeus e o "Colonial", no musseque.

Por iniciativa de AGOSTINHO NETO é fundado em 1943 o "Centro Evangélico da Juventude Angolana" (CEJA) que tendo embora um objetivo recreativo e desportivo serviu para unir os jovens estudantes angolanos e permitiu que os seus membros ganhassem consciência dos problemas sociais que então se viviam e da realidade política colonial.

Até que em Junho de 1946, Agostinho Neto, então funcionário dos Serviços de Saúde em Malange, perde o pai que morre após breve período de doença. Vê assim seriamente comprometidas as possibilidades de continuar os estudos pelo que se candidata e obtém uma bolsa de estudos da Igreja Evangélica o que lhe permite embarcar para Portugal em Se-

tembro de 1947, onde se matricula na Universidade de Coimbra.

Apesar de cidade tradicionalista, Coimbra permitiu estabelecerem-se laços de solidariedade entre os estudantes oriundos das colónias portuguesas. AGOSTINHO NETO integrou-se rapidamente no meio universitário, onde estava já organizada a "CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO", centro onde se discutiam as mais variadas questões, desde a II Guerra Mundial, aos problemas culturais, económicos e sociais, desde a situação política em Portugal aos problemas que se colocavam aos jovens colonizados.

Sobre esse período, conta ANTERO ABREU, advogado e então colega de Agostinho Neto, que liam os "Cadernos Verdes" das Editions Sociales, as "Noções Elementares de Filosofia", de Politzer, o "Le Marxisme", de Henri Lefève, o Cogniet e ainda livros de circunstância que deixaram marca indelével como "Estes dias Tumultuosos", do jornalista belga Van Passen, "Os dez dias que abalaram o Mundo" e também livros de ficção e poesia como "A Mãe" de Máximo Gorki, "O Don Tranquilo" de Cholókov, toda a obra de Jorge Amado publicada até então, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Erico Veríssimo, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, da "Rosa do Povo" . . . Da Espanha, Lorca e António Machado; de Portugal, os neo-realistas com Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol, Fernando Namora, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado e Fernando Pessoa. Dá-se o aprofundamento da descoberta dos grandes poetas da negritude, Aimé Césaire, Leon Damas, Senghor, e dos poetas negros americanos, Langston Hughes e Count Cullen, dos brasileiros Jorge de Lima e Solano Trindade, dos franceses Éluard, Aragon, Jacques Prévert, do soviético Vladimir Maïakovsky, dos americanos John dos Passos, Steinbeck, Caldwell, Ernest Hemingway, dos latino-americanos Nicolás Guillen e Pablo Neruda".

Em 1948, Agostinho Neto é eleito Secretário da Direcção da Casa dos Estudantes do Império e publica no boletim "MERIDIANO" aquela que parece ser a primeira poesia por ele escrita em Portugal, intitulada "Ópio". Segue-se vária ou-

tra colaboração na antologia de literatura e arte "MOMENTO", na "VIA LATINA", órgão da Associação Acadêmica de Coimbra, etc. . .

Anos depois, o estudante Agostinho Neto transfere-se de Coimbra para Lisboa onde o seu relacionamento se alarga para além da Faculdade de Medicina e da Casa dos Estudantes do Império, no seio da comunidade de embarcações das colónias portuguesas.

A compreensão cada vez maior da situação da época e a consciência do seu dever de participação levam Agostinho Neto a aderir ao MUD — Juvenil (Movimento de Unidade Democrática Juvenil), movimento estudantil independente que congregava jovens de várias tendências políticas e correntes de opinião, que procedia periodicamente à recolha de assinaturas para um pacto de Paz entre as cinco grandes potências. Não se tratava de um movimento partidário ou clandestino, embora a Polícia política portuguesa (PIDE) e o Governo fascista tudo fizessem para o considerar como organização do Partido Comunista Português. Foi durante uma dessas recolhas de assinaturas que aconteceu a primeira prisão de AGOSTINHO NETO, em 23 de Março de 1952, em companhia de dois outros estudantes.

A 20 de Junho, cumpridos três meses de prisão e sem que pudesse ficar provada a sua filiação no Partido Comunista Português, AGOSTINHO NETO e seus companheiros foram restituídos à liberdade.

Sob o impulso de AGOSTINHO NETO foi-se politizando a massa africana residente em Lisboa, particularmente os marítimos ao mesmo tempo que se fá esclarecendo as forças democráticas portuguesas sobre a realidade do colonialismo que pesava então nas colónias.

Simultaneamente, através dos marítimos, se fez chegar documentação e outro material às então colónias portuguesas e ao Brasil e destas e do Brasil a Portugal.

Agostinho Neto desempenhou ainda um papel destacado na Faculdade de Medicina, na Associação de Estudantes e na revista de Medicina, fundamentalmente de carácter científico, para a qual dava também a sua colaboração, apesar da repressão fascista por parte do governo de Salazar contra as associações de estudantes.

Uma das principais preocupações de Agostinho Neto é ganhar experiência da atividade, da luta, das formas de ação e da organização dos jovens, através de uma militância relativamente ativa nas organizações progressistas portuguesas, experiência e ensinamentos que procura assimilar para benefício do Povo Angolano.

Em 1954, Agostinho Neto se desloca a Paris onde integra uma delegação constituída por Antônio Espírito Santo, (de S. Tomé) Noêmia de Sousa (de Moçambique) e Roque Medina (da Guiné) e que ia participar no I Encontro da Juventude Rural, em Viena de Áustria. Agostinho Neto segue a Viena com a delegação e, após o seu regresso, em Fevereiro de 1955, Agostinho Neto é detido pela PIDE tendo permanecido encarcerado por mais de dois anos.

Ainda nesse ano de 1954, um grupo de patriotas argelinos desencadeia a luta armada pela libertação da dominação francesa e no ano de 1955 tem lugar em BANDUNG, na Indonésia, uma importante conferência que visa definir a estratégia da luta de libertação dos povo colonizados.

Em Dezembro de 1956 é fundado o MPLA que publica um manifesto onde proclama os seus objetivos.

Em 20 de Outubro de 1958, Agostinho Neto conclui a sua formatura em Medicina e no mesmo dia contrai matrimónio com Maria Eugênia, que viria a ser companheira da sua vida.

Em Dezembro de 1959, Agostinho Neto regressa a Angola em companhia da esposa e do primeiro filho, consciente de que corria o risco de ser preso a qualquer momento.

Com efeito, Angola vivia então sob um forte clima de tensão, dada a evolução da luta independentista que se travava no território vizinho do antigo Congo Belga actualmente Zaire) e a grande vaga de repressão que ia aperfeiçoando os seus mecanismos, de maneira a asfixiar a menor tentativa de sublevação do povo angolano.

Em 1957, um ano após a fundação do MPLA, a PIDE havia instalado a sua organização em Angola, começando a infiltrar os seus agentes nas organizações nacionalistas clandestinas ou incitando a fundação de outras com o objetivo de dividir os patriotas organizados no MPLA. Registram-se assim em Março e Julho de 1959 duas grandes vagas de prisões em Luanda, com o que praticamente se reduz ao silêncio a maior parte dos dirigentes do MPLA no interior do País.

Numa carta enviada ao MPLA no exterior em Março de 1960, Agostinho Neto retrata o ambiente político em Luanda e a situação do Movimento no interior, escrevendo:

.....

“Nos últimos meses, a nossa luta cá tem sido dominada pela perturbação provocada pelas prisões do ano passado, por não se ter encontrado ainda uma orientação colectiva comum, nem se ter chegado ao movimento nacional.

Vários núcleos de patriotas agem aqui e acolá, vive-se “em família” nesses núcleos, sem se procurar a sério (por medo, por presunção e por cada dirigente julgar que o “Seu movimento” é o único bom), uma aglutinação. Falta-nos uma disciplina elementar, bem como a idéia justa da clandestinidade.

A disposição de luta do povo é cada vez maior e isso sente-se em todas as classes. Ninguém, à parte certos vendidos ao colonialismo, pensa encontrar saída fora da Independência Nacional para os imensos problemas que hoje se põem.

É tarefa essencial do MPLA lançar uma estrutura organizativa por todo o País, e iniciar uma vigorosa luta reivindicati-

va principalmente no campo económico e educar as massas para as novas formas de luta que se impõem.

A polícia está activa em todo o país. Têm sido presos dezenas de angolanos. . .”

Em 8 de Junho de 1960, o Dr. Agostinho Neto é detido pela PIDE no seu consultório, em Luanda. Esta nova prisão de Agostinho Neto deu origem a um movimento de protesto e a uma manifestação popular em Catete, que foi sufocada em sangue, resultando num verdadeiro massacre. Por acção do MPLA no exterior do País, escritores de renome assinaram e enviaram ao Governo de Salazar um apelo pela libertação de Agostinho Neto e em muitos países se realizaram conferências sobre a sua personalidade.

Assim, perante tais manifestações e protestos e talvez receando outras conseqüências, o Governo português decidiu-se pela transferência de Agostinho Neto para a cadeia de Aljube em Lisboa, a 8 de Agosto de 1960, com todas as medidas de segurança.

Mas a situação de Agostinho Neto, preso em Lisboa, constituía um grande problema para o governo português: o desejo de camuflar aos olhos de todo o mundo a realidade do colonialismo português, no alvorecer da década da descolonização da África, não se compadecia com a prisão de um poeta de renome, um médico de prestígio, um dirigente angolano já por demais conhecido em Portugal, nas colónias portuguesas e no estrangeiro. Portugal era membro da Organização das Nações Unidas (ONU) e nesse fórum o problema da descolonização dos territórios sob dominação estrangeira, era levantado cada vez com maior acuidade.

Assim, por despacho do então Ministro do Ultramar, Dr. Adriano Moreira, com data de 10 de Outubro de 1960, é fixada residência ao Dr. Agostinho Neto, na Ilha de Santo Antão. Ponta do Sol — Cabo Verde.

- não pode ausentar-se da ilha que lhe foi designada para residir, nem tão-pouco transferir a sua residência sem prévia autorização, devendo apresentar-se naquela Polícia, no primeiro dia útil de cada mês, durante as horas normais de expediente”.

Em 1961, Agostinho Neto foi eleito Presidente de Honra do MPLA e designado prisioneiro político do Ano, pela “Anistia Internacional”.

À medida que aumenta o prestígio de Agostinho Neto, aumenta também a vigilância policial, receando-se a fuga por mar ou por ar, receando-se a grande influência que ia adquirindo junto da população de Santo Antão. A polícia começa então a propalar a notícia de uma preparação de fuga para o Dr. Agostinho Neto e que rondam a ilha submarinos russos, para esse fim.

Tudo isso levou a nova prisão de Agostinho Neto que, após duas semanas de detenção, foi reenviado para a cadeia de Aljube em Lisboa, onde permaneceu ainda por mais seis meses sob constantes interrogatórios e humilhações.

Cresceu então o protesto internacional contra esta nova detenção e desencadeia-se uma campanha pressionando o governo português a libertar o poeta e político angolano, o que efetivamente vem a suceder em Março de 1962, tendo-lhe sido fixada residência em Lisboa.

Mas a direção do MPLA preparava já a saída de Portugal do seu Presidente de Honra e o seu ingresso na nova etapa de luta armada, iniciada, com o 4 de Fevereiro.

Em 6 de Julho de 1962, num barco a motor tipo iate, Agostinho Neto evadiu-se de Portugal, em companhia da esposa, dois filhos menores e alguns elementos da Direção do Partido Comunista Português, desembarcando em Tânger (Marrocos). Agostinho Neto, o chefe “por quem se esperava” chegava enfim à liberdade, com o objectivo supremo de lutar por todos os meios para a libertação completa de Angola.

Com a sua participação direta, a luta pela independência de Angola iria ganhar uma nova dimensão.

3. AGOSTINHO NETO GUIA IMORTAL DA REVOLUÇÃO ANGOLANA

O movimento de Libertação nacional em Angola, experimentava nos princípios dos anos 60, grandes dificuldades. Apesar da ascensão à independência de grande número das antigas colônias francesas e do Congo ex-Belga, o panorama político geral em África era bastante tumultuoso.

A própria compreensão e apoio dos países africanos independentes em relação à luta do povo angolano variava muito e nem sempre foi coerente, verificando-se não raras vezes pressões negativas e atitudes tendentes a aprofundar as divergências e introduzir a divisão nas fileiras nacionalistas.

Agostinho Neto empenhou-se a fundo no desenvolvimento do processo revolucionário angolano, criando as condições indispensáveis para o avanço da luta armada que dirigiu sempre com firmeza, inteligência e alto espírito de sacrifício.

Numa intervenção proferida anos mais tarde, durante uma visita oficial à República Federal da Nigéria, o Presidente Agostinho Neto viria a enfatizar magistralmente o conceito que tinha de uma Revolução. Diria então:

“... Ao colocarmos o problema de África sob o signo da libertação devemos ser o mais profundo possíveis e incluir a libertação no capítulo da Revolução.

Libertar é transformar pela violência uma ordem social estabelecida por minorias.

Libertar, é salvar explorados da exploração.

Libertar, é retirar uma parte da humanidade da dominação de determinada classe social.

E por isso mesmo, libertar uma Sociedade, é fazer a Revolução”.

O Presidente AGOSTINHO NETO lança-se numa intensa actividade desde 1963, já eleito Presidente do MPLA, quer no interior, quer no exterior do País. Dirigiu pessoalmente as relações diplomáticas do Movimento, podendo assim visitar numerosos países e contactar grandes dirigentes revolucionários que nele reconheceram sempre o guia esclarecido de um povo heróico e generoso que travava uma guerra justa pela independência nacional, pela Democracia e pelo Progresso social.

Com a “Revolução dos Cravos” em Portugal e a derrocada do regime fascista de Salazar continuado por Marcelo Caetano, em 25 de Abril de 1974, o MPLA considerou reunidas as condições mínimas indispensáveis quer a nível interno, quer a nível externo, para assinar um acordo de cessar-fogo com o Governo Português, o que veio a acontecer em Outubro do mesmo ano.

O Presidente AGOSTINHO NETO regressou a Luanda no dia 4 de Fevereiro de 1975, sendo alvo da mais grandiosa manifestação popular de que há memória em Angola. Dirige pessoalmente a partir desse momento toda a acção contra as múltiplas tentativas de impedir a independência de Angola, proclamando a Resistência Popular Generalizada.

E a 11 de Novembro de 1975, após 14 anos de dura luta contra o colonialismo e o imperialismo, o Povo Angolano proclamou pela voz do Presidente NETO a independência nacional, objectivo pelo qual deram a vida tantos e tão dignos filhos da Pátria Angolana, tendo sido nessa altura investido no cargo de Presidente da República Popular de Angola.

Ao intervir no acto da proclamação da independência, o Presidente AGOSTINHO NETO sintetizou claramente quais as metas e meios para as materializar, definindo como objectivo estratégico a construção de uma nova sociedade sem exploradores nem explorados.

O processo de Reconstrução Nacional nos domínios político, económico e social com vista à melhoria das condições de vida de todo o Povo Angolano, a concretização das suas aspirações mais legítimas, tornou-se então a preocupação fundamental da direcção do País, que firmemente aponta como fator decisivo o papel do trabalho de todo o Povo na criação das bases materiais e técnicas para construção do Socialismo. Em Dezembro de 1977, funda-se então o Partido de Vanguarda, o MPLA — Partido do Trabalho.

A figura de AGOSTINHO NETO, como militante total, corajoso revolucionário e estadista eminente não se limita às fronteiras de Angola. Ela projecta-se no contexto africano e mundial, onde a sua prática e o seu exemplo servem de impulso à luta dos Povos que, no Mundo, estão ainda submetidos à humilhação, ao obscurantismo e à exploração.

Assim é que nas tribunas internacionais a voz de AGOSTINHO NETO nunca deixou de denunciar as situações de dominação colonial, neo-colonial e imperialista, pela Libertação Nacional, a favor da independência total dos Povos, pelo estabelecimento de relações justas entre os países e pela manutenção da paz como elemento indispensável ao desenvolvimento das nações.

AGOSTINHO NETO foi também um esclarecido homem de cultura para quem as manifestações culturais tinham de ser, antes de mais, a expressão viva das aspirações dos oprimidos, arma para a denúncia de situações injustas, instrumento para a reconstrução da nova vida.

A atribuição do Prémio Lótus, em 1970, pela Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos e outras distinções atribuídas a algumas das suas obras de poesia, são mais um reconhecimento internacional dos seus méritos neste domínio.

Também na República Popular de Angola, a eleição de AGOSTINHO NETO como Presidente da União dos Escritores Angolanos cuja proclamação assinou, traduz a justa admiração dos homens de letras do jovem país, pelo seu mais destacado membro, que tão magistralmente encarnou a "SAGRADA ESPERANÇA" de todo o povo.

FONTES:

- 1 – Projeto de Biografia elaborado pelo “Centro de Investigação Histórica”, do MPLA – PARTIDO DO TRABALHO.
- 2 – Biografia oficial do Presidente AGOSTINHO NETO.

ARQUIVO L. LARA

0296
AC-01